

Projeto coordenado e transformado em tese por jornalista é desenvolvido com jovens de três comunidades carentes



O professor, jornalista e pesquisador Amarildo Carnicel: abertura de espaço a grupos marginalizados cultural e geograficamente

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

O jornal comunitário pode ser constituir em eficiente estratégia de educação não-formal, contribuindo para a elevação da auto-estima, a reconstrução da cidadania e o desenvolvimento de um olhar crítico por parte das pessoas envolvidas na sua produção e também dos demais integrantes da comunidade no qual o veículo de comunicação está inserido. A conclusão não está baseada em mera retórica, mas numa pesquisa-ação realizada pelo jornalista Amarildo Carnicel para a tese de doutorado em Educação da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp. Nos últimos quatro anos, o pesquisador coordenou oficinas de Jornalismo Comunitário destinadas a jovens entre 11 e 17 anos de três comunidades carentes de Campinas. Mesmo enfrentando dificuldades e identificando equívocos de percurso, a iniciativa proporcionou bons resultados. Tanto é assim que em um dos bairros o fanzine criado pelos adolescentes já completa três anos de existência e começa a gerar novos frutos.

Fanzine completa 3 anos de existência

As oficinas coordenadas por Carnicel, que é pesquisador do Centro de Memória da Unicamp (CMU) e professor da PUC-Campinas, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e das Faculdades Hoyley, integram o projeto intitulado "Memória, qualidade de vida e cidadania: os bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo CMU. Este compreende outras oficinas além da de Jornalismo Comunitário, tais como fotografia, história oral, criatividade, hip-hop etc. As três comunidades objeto do trabalho foram a Vila Costa e Silva, o Complexo São Marcos (formado pelos jardins São Marcos, Campineiro, Santa Mônica e Recanto Fortuna) e Vila Castelo Branco, localizadas na periferia do município. Em todos os bairros, destaca o pesquisador, o projeto contou com a parceria de uma ONG ou da paróquia local.

Carnicel afirma que todo o trabalho deu-se num processo de aprendizado mútuo. "Se a iniciativa de elaboração de um jornal comunitário consistiu em novidade para os adolescentes, a transmissão do conhecimento e o meio utilizado para a materialização dos ensinamentos também foram atividades inéditas para mim". A experiência, reconhece, foi marcada por várias dificuldades. O autor da tese lembra que muitos jovens tinham dificuldade para ler ou escrever. Outro problema foi a falta de familiaridade dos adolescentes com as práticas da educação não-formal. "A educação não-formal é caracterizada pela participação espontânea e pela inexistência de cobranças e punições. Também não há relação hierárquica entre as pessoas. Mesmo assim, tanto na Vila Costa e Silva quanto no Complexo São Marcos os garotos e garotas insistiam em me chamar de 'professor'. Além disso, nossos encontros se davam numa sala, onde eu me valia de lousa e giz para explicar o que era uma entrevista ou uma reunião de pauta. De algum modo, isso criava um ambiente próximo ao da escola convencional", explica.

Jornalismo comunitário eleva a auto-estima e resgata cidadania



Reproduções de páginas de jornais produzidos pelos alunos: bons resultados

Na Vila Castelo Branco, a situação foi totalmente diferente das experiências anteriores. Conforme o jornalista, os jovens do bairro já tinham familiaridade com a educação não-formal, em virtude do trabalho realizado pela ONG Projeto Gente Nova (Progen). Dessa forma, a maioria dos participantes entendeu a proposta da oficina desde logo e demonstrou grande interesse pelas atividades. Lá, o pesquisador teve a oportunidade de constatar de forma ainda mais efetiva a importância do jornal comunitário como ferramenta para a promoção da auto-estima e da cidadania. "Inicialmente, quando nos reuníamos para definir as pautas, os jovens sugeriram muitos temas relacionados à violência, pois isso fazia parte do cotidiano deles. Em pouco tempo, porém, acabaram percebendo que o bairro também tinha aspectos positivos, como o morador que

escrevia poesia ou a moradora que trabalhava com artesanato", relata. O fato de o jornal, batizado de "Coneção Jovem", divulgar "as coisas boas" do bairro elevou a auto-estima tanto dos jovens quanto do restante da comunidade, segundo Carnicel. Ao verem a vila retratada fora das páginas policiais dos jornais, os moradores não só aprovaram a iniciativa, como começaram a participar dela, por meio da sugestão de pautas, publicação de anúncios e até mesmo de apoio material. "Um leitor, que tinha uma filmadora e algumas fitas, doou tudo para a redação, justificando que seria importante registrarmos nossa experiência em vídeo", conta o autor da tese de doutorado. Uma das consequências do trabalho realizado na Vila Castelo Branco, prossegue o jornalista, é que praticamente todos os integrantes da primeira oficina estão hoje no mercado de trabalho. "Eles disseram que a oportunidade de planejar e produzir um jornal, no caso um fanzine, teve influência na obtenção do emprego, pois todos se sentiram mais preparados para enfrentar o processo seletivo, no qual o candidato normalmente é submetido a uma entrevista e tem que apresentar uma redação".

Novos frutos – Mas os resultados não pararam aí. Ao acompanharem os objetivos alcançados pelo jornal, que entra agora na sua décima edição, com tiragem de 5 mil exemplares [começou com mil], dirigentes de escolas da região procuraram o Pro-

gen com o objetivo de também produzirem uma publicação, com a participação de seus alunos. A partir do ano que vem, Carnicel dará aulas de capacitação para os professores dessas unidades de ensino, de modo a prepará-los para coordenarem oficinas de Jornalismo Comunitário junto aos estudantes. Este projeto já foi apresentado para algumas empresas e fundações, que deverão patrociná-lo. De acordo com o jornalista, esse tipo de ação representa uma efetiva abertura de espaço a grupos marginalizados cultural e geograficamente. "Embora o jornal comunitário valorize os fatos positivos do bairro, ele não fecha os olhos para os problemas. Nas várias matérias publicadas, os jovens trataram de questões como droga e violência, sempre com um olhar bastante crítico".

A exemplo de outros fanzines produzidos com a mesma proposta, assinala Carnicel, o "Coneção Jovem" não tem a pretensão de ser um modelo de democratização dos meios de informação. "Este tipo de publicação, pelas suas características, pode e deve conviver pacificamente com os jornais de médio e grande porte", analisa. O autor da tese de doutorado, que foi orientado pela professora Elisa Angotti Kossowitch, considera, ainda, que a educação não-formal não compete com o ensino convencional. Portanto, não deve ser encarada como uma forma de reforço escolar. "Uma atividade não exclui a outra. Na verdade, elas são complementares", sustenta.

FEF organiza ciclo de palestras sobre futebol

Encerrado o Campeonato Brasileiro, o futebol continuará sendo o centro dos debates na Unicamp. O professor Miguel Cardenal Carro, da Universidad de Extremadura, da Espanha, proferirá palestras abertas ao público nos dias 6 e 12 de dezembro. Os temas das conferências serão "A relação entre a crise econômica do futebol profissional e a legislação" e "Tendências do Direito Esportivo na Europa". Os eventos estão sendo promovidos pelo Grupo de Estudos do Futebol (GEF), da Faculdade de Educação Física (FEF), com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

De acordo com a professora Heloisa Helena Baldy dos Reis, coordenadora do GEF, Carro é um dos mais respeitados pesquisadores europeus do futebol. Ela adianta que a presença do especialista na Unicamp inaugurará um ciclo de palestras sobre o esporte, que terá continuidade ao longo de 2006. "A próxima conferência será provavelmente em março. Ainda estamos definindo o nome do convidado", afirma. O objetivo da iniciativa, segundo a docente, é aprofundar o estudo do futebol, a partir das referências teóricas proporcionadas pelas ciências humanas. "A participação do professor Carro certamente dará uma importante contribuição aos nossos trabalhos", prevê.



Heloisa Helena Baldy dos Reis, coordenadora do GEF

Direito esportivo também vai ser debatido

Um dos aspectos que Carro deverá abordar ao longo das suas palestras será o que trata da dívida que os clubes europeus mantêm com os governos federais. Embora o grande público tenha a impressão de que essas agremiações sejam ricas, a realidade não é bem essa. Se o poder público resolvesse cobrar o montante devido, muitas delas poderiam se tornar insolventes. "Atualmente, há o entendimento de que os governos de variados países sustentam o futebol. O que está em discussão é uma questão de ordem social. Afinal, até que ponto é pertinente adiar a cobrança dessa dívida? A proposta do professor Carro para esse problema será apresentada na Unicamp", diz Heloisa Reis.

O GEF foi criado há um ano e meio e é constituído por pesquisadores de diversas formações. Participam do grupo educadores físicos, jornalistas e alunos de graduação e pós-graduação. Todos desenvolvem pesquisas acadêmicas abordando algum aspecto ligado ao futebol. Os estudos realizados pelo GEF têm subsidiado ações dos ministérios do Esporte e da Justiça e, particularmente, da Comissão Nacional para a Prevenção da Violência e Segurança nos Estádios. Os interessados em assistir às palestras do professor Carro não precisarão fazer inscrições antecipadas. A conferência do dia 6 será realizada às 19h, na Sala da Congregação da FEF. Já a do dia 12 ocorrerá às 9h, no mesmo local.